

# Cora Coralina – A Lavadeira

Essa Mulher...  
Tosca. Sentada. Alheada...  
Braços cansados  
descansando nos joelhos...  
olhar parado, vago,  
perdida no seu mundo  
de trouxas e espuma de sabão  
– é a lavadeira.

Mãos rudes, deformadas.  
Roupa molhada.  
Dedos curtos.  
Unhas enrugadas.  
Córneas.  
Unheiros doloridos  
passaram, marcaram.  
No anular, um círculo metálico  
barato, memorial.

Seu olhar distante,  
parado no tempo.  
À sua volta  
– uma espumarada branca de sabão.  
Inda o dia vem longe  
na casa de Deus Nosso Senhor,  
o primeiro varal de roupa  
festeja o sol que vai subindo,  
vestindo o quaradouro  
de cores multicores.

Essa mulher  
tem quarentanos de lavadeira.  
Doze filhos  
crescidos e crescendo.

Viúva, naturalmente.  
Tranquila, exata, corajosa.  
Temente dos castigos do céu.  
Enrodilhada no seu mundo pobre.

Madrugadeira.

Salva a aurora.  
Espera pelo sol.  
Abre os portais do dia  
entre trouxas e barrelas.

Sonha calada.  
Enquanto a filharada cresce  
trabalham suas mãos pesadas.

Seu mundo se resume  
na vasca, no gramado.  
No arame e prendedores.  
Na tina d'água.  
De noite – o ferro de engomar.

Vai lavando. Vai levando.  
Levantando doze filhos  
crescendo devagar,  
enrodilhada no seu mundo pobre,  
dentro de uma espumarada  
branca de sabão.

Às lavadeiras do Rio Vermelho  
da minha terra,  
faço deste pequeno poema  
meu altar de ofertas.

**Cora Coralina, Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**